

SET 30, OUT 1 e 2



PIAZZOLLA 100 ANOS

30.9 quinta 20H

1.10 sexta 20H

2.10 sábado 17H

LISE DE LA SALLE PIANO

UM TOQUE FRANCÊS

MAURICE RAVEL [1875-1937]

Valsas Nobres e Sentimentais [1911]

MODERADO
MUITO LENTO
MODERADO
MUITO ANIMADO
QUASE LENTO
MUITO VIVO
MENOS VIVO
EPÍLOGO: LENTO

18 MIN

CAMILLE SAINT-SAËNS [1835-1921]

Estudo em Forma de Valsa, Op. 52 nº 6 [1877]

8 MIN

ALMA ESLAVA

BÉLA BARTÓK [1881-1945]

Danças Romanas [1915]

DANÇA COM BASTÕES
DANÇA DA CINTURA
DANÇA DA ESTAMPARIA
HORNPIPE
POLCA ROMENA
DANÇA RÁPIDA

5 MIN

ALEXANDER Scriabin [1872-1915]

Valsa em Lá Bemol Maior, Op. 38 [1903]

7 MIN

SERGEI RACHMANINOV [1873-1943]

Polca Italiana [1906]

4 MIN

ARGENTINA!

ASTOR PIAZZOLLA [1921-1992]

Libertango

4 MIN

ALBERTO GINASTERA [1916-1983]

Três Danças Argentinas, Op. 2 [1937]

DANÇA DO VELHO BOIADEIRO
DANÇA DA MOÇA GRACIOSA
DANÇA DO GAÚCHO MATREIRO

9 MIN

AMERICAN DREAM

VINCENT YOUMANS [1898-1946] e **IRVING CAESAR** [1895-1996]

Tea for Two [Chá para Dois] [1924] [VERSÃO DE ART TATUM]

4 MIN

FATS WALLER [1904-1943]

Viper's Drag [Deslizar de Vibora] [1934]

4 MIN

A citação atribuída a Friedrich Nietzsche, “aqueles que foram vistos dançando eram julgados loucos pelos que não conseguiam escutar a música” não é, evidentemente, nem sobre música, nem sobre dança. Mas toma como óbvia uma relação direta: é difícil pensar na existência de dança sem música. O contrário é bem mais fácil.

Ainda que dança e música estivessem intimamente ligadas em sua origem, a música, especialmente aquela ouvida nas salas de concerto, se distanciou do corpo a ponto de pensarmos que seria provávelmente insano alguém que começasse a dançar no meio de um concerto formal, ainda que a obra executada tivesse um ritmo particularmente contagiante. E, no entanto, em todas as épocas, a dança serviu de impulso e inspiração para compositores de todas as latitudes. O programa de hoje explora essa conexão tão bela quanto visceral. Todas as obras são baseadas em danças, e em maior ou menor grau convidam ao movimento.

Talvez o gênero de dança mais reproduzido a partir do século XIX em obras estilizadas seja a valsa. De Chopin a Chico Buarque, praticamente não há compositor ocidental que não tenha em algum momento composto alguma obra com este título. Ravel, particularmente, parecia fascinado pelo ritmo ternário e suas possibilidades. As *Valsas Nobres e Sentimentais* foram uma homenagem a Schubert, autor de dois grupos distintos de valsas, as *Valsas Nobres* e as *Valsas Sentimentais*, com caráter claramente diferenciado. Já as de Ravel unem ambas as ideias, flertando com os dois extremos de temperamento, numa ambiguidade que é ao mesmo tempo seu desafio e seu encanto. Enganadoramente simples, com dissonâncias sutis unidas a desenhos rítmicos e melódicos refinados, até hoje são consideradas um modelo das qualidades mais admiradas de Ravel, que as classificava entre suas obras mais difíceis para o intérprete.

A valsa também é o gênero abordado por Camille Saint-Saëns no seu *Estudo em Forma de Valsa, Op. 52 nº 6*. Ele mesmo pianista de talento extraordinário, um dos maiores prodígios do teclado de seu tempo, Saint-Saëns foi compositor prolífico e generoso com seu instrumento. Escreveu três grupos importantes de estudos para piano, sendo o nº 6 a peça mais relevante do primeiro grupo, geralmente executada independentemente do resto. Obra cheia de faíscas e elegância, ela parece apenas partir da sugestão da valsa para desenvolver uma textura densa, extremamente virtuosística, que requer do pianista técnica impecável, flexibilidade e senso de humor.

O título da peça de Bartók também é enganador. Juntamente com Kodály, Bartók viajou por toda a Hungria recolhendo e classificando melodias folclóricas. Procuravam deixar registradas a força e originalidade de seu país, frequentemente dominado por outras nações, que lutava bravemente para preservar sua língua e suas tradições. Do território da Transilvânia, mais tarde anexado à Romênia, vieram as melodias desta obra. Assim, apesar do nome, as *Danças Romanas*, de Bartók, são baseadas em temas folclóricos de origem húngara, que foram preservados pelo isolamento da região. Das obras mais populares do compositor, têm o vigor e a graça da música camponesa e guardam o impulso intrínseco da dança.

Se Bartók se notabilizou pela valorização do folclore, Scriabin construiu sua reputação em torno de música mais abstrata. Quando pensamos em Scriabin, imaginamos música cerebral, de compreensão difícil. Mas sua *Valsa Op. 38* certamente engaja igualmente o cérebro e o corpo, e explica porque ele chegou a ser chamado de “Chopin russo”. Como o início da carreira, dedicou-se prioritariamente ao piano, e no início da profissão procurou inspiração em danças como mazurkas e valsas. A *Valsa Op. 38* alterna momentos de delicadeza, despreocupação e rodopios com um desenvolvimento de tensão, perturbador, viril e audacioso, às vezes até ameaçador, que já prenuncia o inovador compositor atonal, que buscava mesclar em sua linguagem a sinestesia e a dissonância, e influenciou gerações de compositores.

A polca foi outra dança abraçada por compositores românticos que acabou caindo no gosto popular, e chegou a ser taxada de febre no Brasil. A peça de Rachmaninov traz o título de *Polca Italiana*, o que é intrigante visto que esta dança tem origem na Bohemia. Mas a possível data de composição coincide com a temporada que Rachmaninov passou na Itália, então provavelmente ela é italiana apenas por ter sido criada lá. Na verdade, existe outra ambiguidade que ronda a composição: ela é o arranjo de uma peça que o pai de Rachmaninov costumava tocar e cuja autoria o filho lhe atribuiu, sem se dar conta de que a obra era do compositor Franz Behr. A versão de Rachmaninov é mais virtuosística, mais vibrante e maliciosa, cheia de energia e humor. Poder-se-ia pensar que pelo nome do espírito, presta uma homenagem ao temperamento italiano, à beleza graciosa do país, a suas paisagens ensolaradas e vivas.

Piazzolla teve uma carreira controvérsica em seu país natal, a Argentina. Compositor que transitou com desenvoltura entre a música popular e a de concerto, sofreu rejeição por parte dos dois grupos. Seu “Nuevo Tango”, que incorporava à dança tradicional elementos da música erudita e do jazz, com harmonias inéditas e dissonâncias ardidas, foi inicialmente tido como ousado demais pelos músicos de tango e popular demais pelos músicos de orquestra.

A consagração demorou a acontecer, mas atualmente Piazzolla é aceito como um dos maiores compositores da América Latina. O *Libertango* é justamente a peça que sinalizou a quebra das amarras do passado e apontou o caminho que o compositor viria a trilhar com grande sucesso internacional.

Já seu professor, o conterrâneo Alberto Ginastera, apesar de frequentemente flertar com a música folclórica (ou talvez por isso mesmo) não teve dificuldade em se estabelecer como compositor respeitado em sua pátria. As 3 danças estilizadas são miniaturas curiosas e criativas. Na primeira delas, “Dança do Velho Boiadeiro”, a mão esquerda toca apenas teclas pretas, e a direita apenas teclas brancas. O efeito é perturbador, mas estranhamente palatável. Em “Dança da Moça Graciosa” o piano parece serpentear pela pampa argentina. A “Dança do Gaúcho Matreiro”, por sua vez, é brutal, agressiva, acintosa. Em forma rondó, alterna momentos tensos e violentos com partes tonais suaves e melódiosas, acabando de maneira exuberante e brutal.

No final do programa de hoje mergulhamos na efervescência musical norte-americana. *Tea for Two* [Chá para Dois] – um cha-cha-chá – foi composta por Vincent Youmans para o musical *No no Nanette*, com letra adicionada por Irving Caesar. A canção acabou se tornando uma autêntica *standard* do gênero, sendo uma das mais gravadas de todos os tempos. Brinca com a ideia de usar de música econômica tanto os elementos rítmicos quanto os melódicos, mas paradoxalmente consegue um efeito de sofisticada variedade. O arranjo para piano é de Art Tatum, pianista de *stride*, e fã fanfona de Youmans e de Fats Waller, autor da peça que fecha o programa.

Viper's Drag [Deslizar de Vibora] nos leva à Nova York dos anos 30, 40. A peça está dentro do estilo de jazz que é conhecido como *stride* piano, desenvolvido por pianistas americanos de *ragtime*, dentre os quais se destaca Thomas Wright “Fats” Waller. O *stride* se caracteriza por dar especial ênfase à mão esquerda do piano, que “caminha” sobre o teclado, frequentemente dando saltos e usando uma extensão maior do que a habitual. A parte da mão esquerda é regular ritmicamente, em contraste com a da mão direita, sincopada, cheia de ornamentos e ligeiramente defasada em relação ao baixo, criando um sofisticado efeito de tensão rítmica. O andamento em geral é rápido, contagiante. O título de *Viper's Drag* faz referência à maconha, largamente consumida pelos músicos de então. A música habilmente cita *Na Gruta do Rei da Montanha* de Edward Grieg, uma das peças favoritas do público de música clássica da época. O estilo desenvolvido por Fats Waller, tão bem exemplificado por *Viper's Drag*, pavimentou o caminho dos pianistas de jazz atuais.

Diante o programa de hoje, temos certeza de que o ouvinte se dará conta de que, se é impossível imaginar a dança sem a música, certamente a dívida da música com a dança não é desprezível: haveria um número enorme de obras musicais notáveis que simplesmente nunca teriam vindo à luz caso a dança não existisse.

[2021]

LAURA RÓNAI

É DOUTORA EM MÚSICA, RESPONSÁVEL PELA CADEIRA DE FLAUTA TRANSVERSAL NA UNIRIO E PROFESSORA NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. É TAMBÉM DIRETORA DA ORQUESTRA BARROCA DA UNIRIO.

LISE DE LA SALLE

Com uma carreira de mais de 15 anos, gravações premiadas e apresentações em concertos ao redor do mundo, Lise de la Salle estabeleceu-se como uma das grandes jovens artistas da atualidade. Musicista de grande sensibilidade e maturidade, sua forma de tocar inspirou um crítico do Washington Post a escrever: “durante grande parte do concerto, o público teve que lembrar de respirar... a alegria não desistiu por um segundo até que suas mãos saíram do teclado”. Como destaques deste e do próximo ano, Lise fará seu *debut* na Philharmonie de Paris com a Orquestra de Câmara de Paris, sob regência de Lars Vogt; estreia ainda com Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, dirigida por Lionel Bringuier, com quem ela estará novamente em abril de 2022, na Sinfônica de Tokyo; bem como apresentações com a Orchestre de la Suisse Romande e Fabio Luisi; a Orquestra Nacional da Bélgica e Stanislav Kochanovsky; a Orquestra Nacional Real Eslovena e Thomas Søndergård, esta última em turnê.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR
JOÃO DORIA

VICE-GOVERNADOR
RODRIGO GARCIA

SECRETARIA DE CULTURA
E ECONOMIA CRIATIVA DO
ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETÁRIO
SERGIO SÁ LEITÃO

SECRETÁRIA EXECUTIVA
CLAUDIA PEDROZO

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE
CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
PEDRO PULLEN PARENTE

VICE-PRESIDENTE
STEFANO BRIDELLI

CONSELHEIROS
ANA CARLA ABRÃO
CELIA PARNES
ENEIDA MONACO
HELLIO MATAR
JAYME GARFINKEL
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MARIO ENGLER
MÔNICA WALDVOGEL
PAULO CEZAR ARAGÃO
SERGIO SUCHODOLSKI
TATYANA VASCONCELOS
ARAÚJO DE FREITAS

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI

SUPERINTENDENTE
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

Lei de Incentivo à
CULTURA

SALA PALÁCIO

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

f /osesp

osesp.art.br

i /osesp

salaopaolo.art.br

@ /osesp_

fundacao-osesp.art.br

v /videososesp